

Silvestre Jorge: exemplo de mobilidade artística e protótipo de arquitecto jesuíta da segunda metade do século XVI

Fausto Sanches MARTINS

Em 2008 comemoraremos os 400 anos da morte de Silvestre Jorge, uma efeméride que não poderá passar despercebida, dado o papel relevante desta figura no contexto da arquitectura dos Jesuítas de Portugal.

O objectivo principal, quase único, da nossa comunicação visa, acima de tudo, chamar a atenção para a necessidade de reler a documentação literária e gráfica relativa a este arquitecto, em parte por nós publicada, e tentar o enquadramento ajustado que nos permita avaliar, com rigor, o alcance da sua obra arquitectónica, atendendo à mobilidade das suas intervenções que atingiram todos os colégios e casa professa da Companhia de Jesus em Portugal.

O acompanhamento do seu percurso arquitectónico, desde a entrada no Colégio de Jesus de Coimbra, em 29 de Fevereiro de 1560, até à data de sua morte em 1608, permite-nos concluir, sem margens para dúvidas, que Silvestre Jorge representa o protótipo do arquitecto jesuíta que soube assimilar e transpor para as suas obras, da forma mais adequada, os requisitos impostos pelo “Modo Nostro” da segunda metade do século XVI.

Síntese biográfica

Natural da “vila” de Nogueira, do Bispado de Coimbra, onde nasceu c. 1526; ingressou na Companhia, no Colégio de Coimbra, a 21 de Agosto de 1550, como Irmão Coadjutor temporal; fez os votos em Janeiro de 1551, permanecendo no Colégio de Coimbra até 1560; nesse ano foi transferido para a Casa Professa de S. Roque já com “*los votos hechos*”; após a visita a Portugal do Padre Jerónimo Nadal, em 1561, o Provincial, Padre Miguel Torres, mandou-o estudar latim “*a fim de tomar ordenes*”; teve uma passagem rápida pelo Colégio de Coimbra, em 1561, regressando, em Janeiro de 1562, a S. Roque, onde se manteve até finais de 1565, preparando-se para receber as Ordens Sagradas, intensificando a sua formação cultural e artística e dirigindo as obras que ali decorriam; entre Novembro de 1566 e Janeiro de 1569 é mencionado entre o grupo de estudantes do Colégio de Santo Antão, com uma breve estadia no Colégio de Braga, datada de 26 de Junho de 1567; nos começos de 1569, com 43 anos de idade e três de latim, “*interpolados*”, continua a preparar-se, no plano cultural e espiritual, para receber as Ordens Sagradas: “*esta aprovechado*”; regista-se a sua presença em Coimbra, entre 1569 e 1576, com uma saída esporádica ao Colégio do Porto, em Julho de 1571, estudando, ouvindo Casos e dirigindo as obras; em Janeiro de 1576, é citado no grupo dos “*officiales*” do Colégio de Évora, onde permaneceu até 1581, tendo sido ordenado de presbítero em 1578; após a morte do Cardeal D. Henrique (1580), regressou ao Colégio de Santo Antão,

nos começos de 1581, onde se manteve até finais do séc. XVI, cuja estadia foi interrompida por curtas viagens a Bragança, entre Março e Julho de 1588 e a Évora, em Dezembro de 1595; passou os dois primeiros anos de 1600 na Casa de S. Roque, tendo o cuidado das obras; regressou às origens de Coimbra em 1603 onde sobreviveu, ainda, durante cinco anos; com 79 anos de idade, mas “*de buenas fuerças*”, ocupou-se, sobretudo, no ministério da Confissão; no catálogo de 1608 regista-se que, aos 83 anos, era um homem “*Velho e doente*”, acabando por falecer a 29 de Fevereiro; foi sepultado na igreja do Colégio, ocupando a cova nº 20, precisamente aquela que, em 1589, fora destinada para sepultura de seu pai “*Jorge Pires*”¹.

Mobilidade das suas intervenções arquitectónicas

Silvestre Jorge descendia duma família de pedreiros, cujo pai, Jorge Pires, exerceu essa mesma profissão². Como pedreiro ingressou na Companhia onde, a 15 de Março de 1546, já tinha entrado seu irmão, Padre Marcos Jorge, que viria a notabilizar-se como um dos melhores Lentes de Casos no Colégio de Évora. Era natural de Nogueira do Cravo, curiosamente, a mesma povoação onde nascera o pintor, Irmão Manuel Henriques.

Os Catálogos não registam qualquer actividade, relacionada com o seu ofício de pedreiro, para a primeira década de 1550-1560³.

Casa Professa de S. Roque: 1550-1560

Apesar do silêncio dos catálogos, é natural que tivesse trabalhado como pedreiro, nestes primeiros anos, em que ganharia experiência e ampliaria os seus conhecimentos teóricos e práticos, porque, em 1560, estava já à frente dos trabalhos de S. Roque, como “*Prefeito das obras*”⁴.

Colégio de S. Paulo de Braga: 1567-06-26

Por mandato do Visitador, Padre Miguel Torres, Silvestre Jorge deslocou-se de Santo Antão a Braga para dirigir os trabalhos de ampliação da nova igreja, nomeadamente, na organização da capela-mor e na colocação dos confessionários⁵.

Colégio de Jesus de Coimbra: 1569-12-9

Nos começos de 69, foi destinado para o Colégio de Coimbra onde permaneceu como “*Prefeito das obras*”. Além desta tarefa de índole global, foi incumbido pelo Reitor, Padre Pedro da Fonseca, de fazer novas traças, que introduzissem algumas alterações à traça original, a fim de serem enviadas a Roma para aprovação⁶.

¹ Estes dados foram recolhidos da documentação que regista as intervenções de Silvestre Jorge nas diversas obras dos colégios da Companhia de Jesus.

² Na nota biográfica de seu irmão, Padre Doutor Marcos Jorge, diz-se textualmente: “*dizia chamente que seu pay fora pedreiro*”.

Cf. FRANCO, António, *Imagem de Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Colegio de Jesus de Coimbra*, Tom. II, Coimbra, 1719, p. 625.

³ ARSI, Lus. 43-I, f. 9 v; Lus. 43-I, f. 54; Lus. 43-I, f. 56; Lus. 43-I, f. 382.

⁴ ARSI, Lus. 43-II, f. 371.

⁵ ARSI, Lus. 79, f. 27.

⁶ ARSI, Lus. 63, f. 246 v.

Colégio de S. Lourenço do Porto: 1571-07-26

Teve que interromper, com frequência, os trabalhos que vinha dirigindo em Coimbra. A 26 de Julho de 1571 recebeu ordens para se deslocar ao Colégio de S. Lourenço, do Porto, cuja fundação acabava de ser aprovada na Congregação Provincial de Almeirim, em 1568, a fim de tomar medidas do sítio escolhido e delinear a traça do novo edifício, cuja primeira pedra foi lançada a 10 de Agosto de 1573⁷.

Colégio do Espírito Santo de Évora: 1576-1580

Os catálogos e documentos eborenses deste período registam, com frequência, o nome de Silvestre Jorge. Uma vez no exercício do seu ofício de “*Prefeito das obras*”; outras vezes assinando, como testemunha, instrumentos públicos relacionados com os Colégios do Espírito Santo e da Purificação, onde trabalhava o mestre pedreiro, Jerónimo Torres; por vezes chegou a acumular tarefas ligadas à acção administrativa das construções. Por volta de 1578, foi convidado pelo Cardeal D. Henrique para executar a traça do Hospital da Universidade⁸.

Colégio de Santo Antão de Lisboa: 1581-1587

Após a morte do Cardeal, em 1580, foi incumbido de delinear uma nova traça que substituísse a traça original do Colégio de Santo Antão, encomendada ao Arquitecto Real. Esta planta nunca agradou aos responsáveis da Companhia e só não a rejeitaram pela consideração que lhes merecia o Cardeal. Pelo contrário, a planta desenhada por Silvestre Jorge obteve a aprovação unânime da Comunidade. Mais tarde, em 1586, viria a ser também alvo das críticas dum “arquitecto italiano” (Filippo Terzi) que o obrigaram a proceder a novos retoques⁹.

Colégio do Santissimo Nome de Jesus de Bragança: 1587-03-20

Em Março de 1587, interrompeu os trabalhos em Santo Antão porque o Provincial solicitou a sua presença no Colégio de Bragança a fim de executar a traça e dirigir as obras da quinta de recreio de Parâmio, levando-o a permanecer, na cidade transmontana, até meados de Julho¹⁰.

Colégio de Santo Antão de Lisboa: 1587-07-18

De regresso a Santo Antão, continuou a ostentar o título de “*Prefeito das obras*”, mas trabalhando, sobretudo, na alteração da traça original do conjunto colegial e no desenho particular da planta da igreja que enviou a Roma para aprovação¹¹.

⁷ ARSI, Lus. 64, f. 199.

⁸ ARSI, Lus. 43-II, f. 510 v; ADE, Liv. 190, ff. 69-70 v; BPE, *Jesuitas*, CXXX/1-7; ADE, Liv. 193, ff. 110-113; ARSI, Lus. 43-II, 514; Lus. 39, f. 2.

⁹ ARSI, Lus. 68, f. 296; Lus. 68, f. 299; Lus. 69, f. 91 v; Lus. 39, f. 9; Lus. 69, f. 233 v; Lus. 69, f. 265 v; Lus. 39, f. 11 v.

¹⁰ ARSI, Lus. 70, f. 91.

¹¹ ARSI, Lus. 70, f. 215; Lus. 44-I, F 4; Lus. 44-I, f. 68.

Colégio do Espírito Santo de Évora: 1595-12-23

Apesar da contestação de que foi alvo em Santo Antão, Silvestre Jorge continuaria a merecer a confiança e preferência dos responsáveis dos diversos colégios. Desta vez, foi o Reitor de Évora quem o convidou para traçar a planta e dirigir os trabalhos do “*corredor e dormitório*” que ficariam concluídos dois anos mais tarde¹².

Casa Professa de S. Roque: 1601-01-01

Depois duma passagem curta por Santo Antão (1597) e outra em Coimbra (1599), Silvestre Jorge foi transferido para a Casa de S. Roque com a missão de “*atender e cuidar das obras*”¹³.

Colégio de Jesus de Coimbra: 1603-1608

Quase octogenário, sentindo-se atraído pela terra natal e pelo local onde iniciara a vida religiosa na Companhia, recolheu ao Colégio de Coimbra, dedicando-se ao ministério da Confissão e dando os últimos retoques na “*traça da sua vida pessoal*” antes de submetê-la à aprovação final do supremo Arquitecto¹⁴.

Silvestre Jorge constitui, em nosso entender, a figura mais relevante da Província de Portugal, no campo da arquitectura, com uma intervenção constante nas obras da maior parte dos colégios. O registo da sua actividade arquitectónica poderá constituir o fio condutor da futura monografia do arquitecto de Nogueira do Cravo.

Conclusão

Em paralelo com o itinerário religioso que o levou a passar de Coadjutor temporal para a categoria de Coadjutor espiritual formado, Silvestre Jorge percorreu as etapas principais da carreira artística, ligadas à actividade arquitectónica.

1 – Pedreiro:

Descendente de pai, pedreiro, recebeu os primeiros ensinamentos na oficina paterna, que é sempre a melhor escola de formação. Dada a proximidade da povoação de Nogueira com a cidade de Coimbra, é natural que ambos participassem em acções comuns nesta cidade. Seguindo o exemplo de seu irmão Marcos, Silvestre entrou na Companhia de Jesus, continuando a exercer a profissão que aprendera na casa paterna.

2 – Mestre-de-obras:

Bastaram dez anos de actividade como pedreiro para que o seu valor fosse devidamente reconhecido, ao ser colocado à frente das obras de S. Roque. Os textos utilizam os termos de “*Praefectus operum*” e “*Praefectus Architectorum*” que poderemos traduzir por “Mestre-de-obras” e “Orientador dos Arquitectos”. Em S. Roque a sua actividade não se

¹² ARSI, Lus. 73, f. 73 v.

¹³ ARSI, Lus. 39, f. 23.

¹⁴ ARSI, Lus. 44-I, f. 176 v.; Lus. 44-I, f. 199 v.; Lus. 39, f. 51 v.; Lus. 39, f. 55 v.; Lus. 44-I, f. 221.

circunscrevia à mera execução, mas á orientação e direcção dos trabalhos: quer no relacionamento com o arquitecto que delineara a planta original, quer no acompanhamento dos oficiais, e serventes, quer na contratação de novos trabalhadores.

3 – *Tracista*:

Na hierarquia da profissão de arquitecto, o tracista ocupava lugar de distinção. Se examinarmos com atenção a trajectória artística de Silvestre Jorge, verifica-se que, a partir de 1580, a sua actividade passa a estar centrada, sobretudo, na delineação de traças. Emenda a traça do Colégio de Santo Antão. Desloca-se ao Colégio de S.Lourenço e a Bragança com o mesmo objectivo. O Cardeal D. Henrique encomenda-lhe a traça do novo Hospital. Os textos aludem à existência de muitos “traçadores” da Companhia em Portugal. Em nossa opinião, este título só poderá ser atribuído, com propriedade, a Bustamante, a Valeriano, a Silvestre Jorge, Francisco Dias e Bartolomeu Duarte.



Fig. 1. Corredor, Colégio de S. Lourenço do Porto



Fig. 2. Janela conversadeira, Colégio de S. Lourenço do Porto

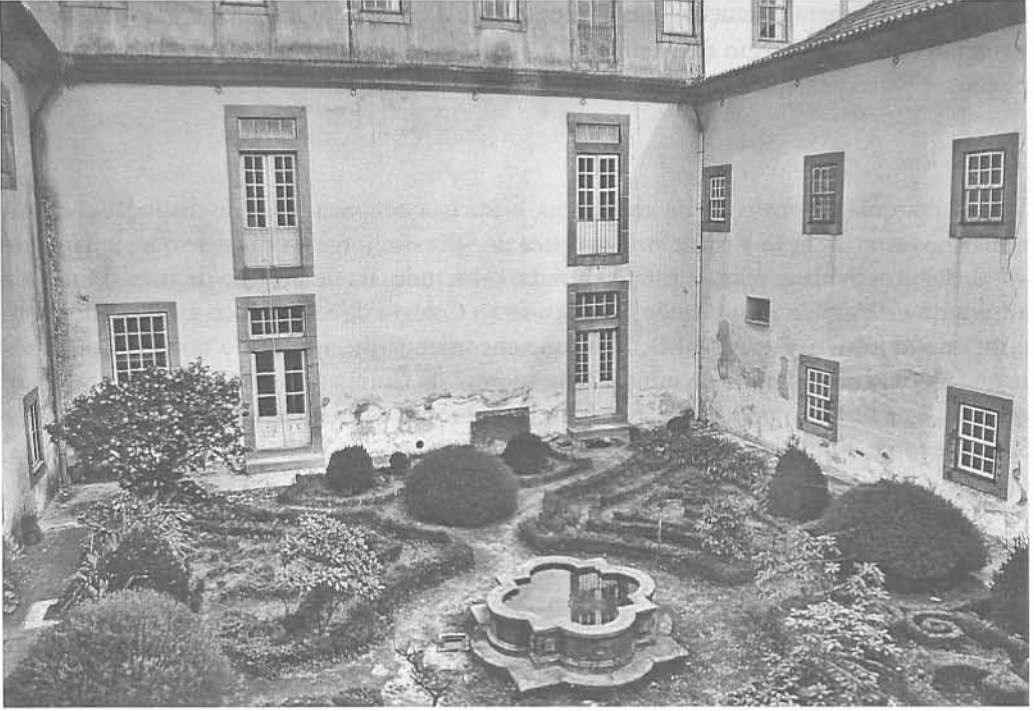


Fig. 3. Fenestração do Pátio. Colégio de S. Lourenço do Porto



Fig. 4. Fonte do Pátio. Colégio de S. Lourenço do Porto